



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do crachá do trabalhador número 30 mil do
Complexo Siderúrgico da ThyssenKrupp CSA
Rio de Janeiro-RJ, 30 de abril de 2009**

Eu vou ser muito breve, porque vocês sabem que saco vazio não pára de pé, e eu estou com uma fome aqui que... Pensei que a Thyssen iria oferecer umas coisinhas para eu comer mas, por orientação do Roger Agnelli, da Vale do Rio Doce, que é mão-de-vaca, [que] pediu para a Thyssen não gastar nenhum centavo para poder terminar de construir a Siderúrgica aqui...

Cumprimentando o nosso querido companheiro Sérgio Cabral, governador, e cumprimentando a direção da ThyssenKrupp, eu quero cumprimentar todos os companheiros, e vou ser breve realmente.

Vocês ouviram o discurso do nosso companheiro agora, e esse discurso, por si só, já valia o ato. Além de ele ter um emprego, além de ter orgulho de a mãe dele ser empregada doméstica, além de ter orgulho de trabalhar com a camisa da empresa e depois passear com ela, a verdade, Sérgio, é que isto que a gente está vendo aqui é o mais eficaz ingrediente para a gente acabar com a violência no nosso país e com a criminalidade. Se todos tiverem a oportunidade que este menino teve nós, certamente, seremos vitoriosos contra o crime organizado e contra o narcotráfico neste país.

Eu tenho consciência de que a mãe deste menino deve ter tido o mesmo orgulho que a minha mãe teve quando, com 14 anos, eu fui para o Senai. Ele disse que a vida dele mudou, e muda mesmo. É importante... Eu digo sempre e não me canso de dizer isso, que em uma família de oito irmãos, por conta de um curso no Senai, eu fui o primeiro a ganhar mais do que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro e eu fui o primeiro a ter uma casa própria, por conta de



uma profissão. Com uma profissão e uma fábrica boa para trabalhar, você não só dá garantia à sua família, como você dá garantia à sociedade.

Eu não tinha uma camisa bonita como esta, porque eu trabalhava em uma fábrica pequena, chamada Fábrica de Parafusos Marte, e a minha mãe teve que pegar o macacão de um irmão meu que trabalhava em outra empresa, cortar e fazer eu andar dentro desse macacãozinho para ir trabalhar. Eu andava dois quilômetros, mas eu ia trabalhar com um orgulho com aquele macacão, com um orgulho, como se eu fosse o dono da cocada. Eu nem sabia o que era ser torneiro mecânico. Eu metia a mão no óleo preto e sujava todo o macacão porque eu queria que a minha mãe ficasse impressionada com o caçula dela sendo mecânico.

Por conta disso, eu cheguei à Presidência da República. Veja que você já fez o principal: já fez a formação profissional, já tem um bom emprego. Daqui para a frente vai ser mais fácil do que para mim, porque os trabalhadores que tinham medo de eleger um trabalhador para a Presidência, certamente no futuro não terão mais medo, e qualquer companheiro pode se preparar e ocupar esse cargo importante no País.

A vida da gente é muito engraçada. É o primeiro 1º de Maio na minha vida que eu comemoro dentro de uma fábrica, e é o primeiro 1º de Maio da minha vida que eu não estou em um ato para protestar. Desde 1969, portanto há 40 anos, a minha vida era participar de 1º de Maio xingando alguém, falando mal de alguém ou falando mal dos governos. Como hoje eu sou governo, eu não vou falar mal de mim. Então, eu estou hoje neste 1º de Maio antecipado, para agradecer por este momento extraordinário.

Primeiro, [quero] agradecer à ThyssenKrupp por ter tido a coragem de vir fazer esse investimento no nosso querido país e escolher o estado do Rio de Janeiro para que esse investimento aqui fosse realizado. O Rio de Janeiro, que tem todas as belezas que a gente imagina que tenha, um estado que foi durante muitos anos capital deste país desde que aqui chegou o Rei de



Portugal, este estado passou a ser muito sofrido. Eu dizia para o Sérgio Cabral que era preciso que nós fizéssemos um esforço muito grande para ajudar o Rio de Janeiro a se desenvolver, para que o Rio de Janeiro começasse a aparecer nas páginas dos jornais, não apenas com manchetes de mortes, de violência ou de bala perdida. Mas que ele pudesse aparecer nas páginas dos jornais com a cara do povo do Rio de Janeiro, porque a maioria é trabalhadora, a maioria quer viver em paz com a sua família, a maioria quer construir a sua família e cuidar dela com carinho. Eu acho que somente o desenvolvimento permite que essas coisas aconteçam.

É por isso que nós temos, em parceria com o governador do estado do Rio, grandes investimentos aqui, não apenas de projetos de fábricas, de estaleiro, de pólo petroquímico, de rodovias, mas também cuidando da parte mais pobre da população. Os investimentos que nós estamos fazendo junto com o governo do estado nas favelas do Rio de Janeiro, são porque um dia eu quero estar vivo para que a gente não utilize mais a palavra favela e a gente diga “eu vou àquele bairro”, e não àquela favela. Nós queremos que as pessoas...

Logo, logo estarei indo com o Sérgio Cabral inaugurar uma piscina lá na favela de Manguinhos, uma piscina grande, junto com um grande conjunto habitacional, porque não é justo que os filhos das pessoas mais pobres não tenham o direito de ter o mesmo lazer que têm os outros. A praia, que foi feita por Deus para todo mundo, a cada dia que passa vai ficando ocupada por menos gente, e os pobres vão sendo cada vez mais escoraçados para longe da praia.

Tudo isso a gente está fazendo porque eu acredito que o Rio de Janeiro merece uma atenção especial do governo federal. Quero dizer de público aqui, mais uma vez, o que eu disse no primeiro comício que eu fiz junto com o Sérgio Cabral. Eu disse ao Sérgio: Sérgio, se acontecer o que eu estou pensando que vai acontecer, você vai ter a chance de ser o governador e eu a



chance de ser o presidente que estabeleceram a mais extraordinária harmonia administrativa, para que a gente possa jogar todo o nosso dinheiro e toda a nossa energia para criar coisas boas para o estado do Rio de Janeiro, porque eu tive muita dificuldade, outros presidentes tiveram muita dificuldade, e outros governadores tiveram muita dificuldade. Nós, agora, construímos essa harmonia, e eu acho que daqui para a frente a coisa só tende a melhorar.

A segunda coisa que me deixa feliz hoje é saber que o Brasil, que sempre viveu cercado de desconfiança, hoje é considerado um país da mais alta credibilidade por todos os governantes do mundo. Se eu fosse ficar convencido, [quisesse] que o ego tomasse conta de mim a cada vez que eu recebesse um elogio, eu não caberia mais neste salão aqui. É muito fácil a gente receber elogios, mas foi muito difícil a gente construir este momento que o Brasil está vivendo.

Por que eu estou orgulhoso? Porque hoje nem a minha amiga Angela Merkel, primeira-ministra da Alemanha, nem o meu amigo Obama, presidente dos Estados Unidos, nem o meu amigo primeiro-ministro do Japão, nem o presidente da França, meu amigo Nicolas Sarkozy, nem o presidente da Itália ou o primeiro-ministro da Inglaterra tem o orgulho de estar dentro de uma fábrica entregando o crachá número 30 mil para um trabalhador.

Pela primeira vez, uma crise econômica não começa em um país pobre. A crise começou nos países ricos e está afetando os países ricos muito mais do que os países pobres. É lógico que nós sofremos as consequências dessa crise porque diminuem as exportações e isso provoca redução na nossa balança comercial. Sabe a diretoria da Thyssen, sabe a diretoria da Vale do Rio Doce e sabem os empresários que estão aqui, que não existe hoje no mundo nenhum país mais preparado para enfrentar a crise do que o nosso querido Brasil. Não existe. Possivelmente, a China esteja em condições tão boas quanto o Brasil, mas a China também tem outras vantagens, que eu acho desvantagens. Lá um partido pode muito. Lá, quando um partido decide,



acontece. Aqui nós temos que ouvir muitas coisas. Aqui nós temos um Congresso livre, aqui nós temos imprensa livre, aqui nós temos sindicatos livres, além das outras coisas que nós criamos para criar dificuldades para nós mesmos.

O dado concreto é que nós fizemos a lição de casa, preparamos o País e hoje, quando a crise vem, em vez de a gente evitar fazer investimentos, nós estamos investindo mais de US\$ 300 bilhões, mais de R\$ 600 bilhões em obras públicas: estradas, ferrovias, pontes, urbanização de favelas, saneamento básico. E agora acabamos de anunciar um projeto de construção de 1 milhão de casas próprias para o povo brasileiro. De preferência, desse 1 milhão de casas, 400 mil casas serão, prioritariamente, para as pessoas que ganham de 0 a 3 salários mínimos. Outras 400 [mil] serão para quem ganha de 3 a 6 salários mínimos, e outras serão para quem ganha até 10 salários mínimos. Fizemos mais. Hoje um trabalhador não pode comprar uma casa, porque se ele pagar aluguel, ele não tem como pagar aluguel e pagar a prestação da casa. O que nós fizemos? Ele só vai pagar a primeira prestação da casa quando receber a chave da casa para se mudar. Ele não vai ter que pagar antes.

Segundo, no programa da casa, o trabalhador que ganha de 0 a 3 salários mínimos, se perder o emprego e ficar desempregado, até 36 meses ele não vai correr [ter] nenhum problema. Essas prestações irão para o final da dívida, 20 anos depois. O que nós não podemos é ver um trabalhador perder o emprego e, no dia seguinte, perder a sua casa. A casa é a garantia que a gente tem que dar para ele cuidar da sua família. Um trabalhador que ganha de 3 a 6 [salários mínimos], se ficar 24 meses desempregado, ele não precisa pagar a prestação da casa, porque quem está desempregado não tem como pagar a casa. Para quem ganha 10 salários mínimos, pode ficar até 12 meses sem pagar a prestação da casa própria.

Mais importante ainda é que nós... Esse programa de 1 milhão de casas é uma coisa ousada, não é uma coisa simples. O Brasil não estava preparado



para isso. A gente fazia 200 mil, 300 mil. Esse programa é de 1 milhão de casas, e aqui – a quantas o estado do Rio de Janeiro tem direito? – só o Rio de Janeiro vai ter direito a mais de 100 mil casas. Eu estou desafiando os empresários, os nossos amigos prefeitos, para que a gente possa construir. Eu não sei se já abriram as inscrições aqui, mas vocês podem procurar a prefeitura, a Caixa Econômica, e se inscrever, quem não tiver casa, obviamente. Quem tiver, que Deus mantenha a sua casa em dia.

Pois bem, a decisão do governo foi a decisão de que essa crise nós temos que combater com investimento. Nós não vamos reduzir um centavo de nenhum investimento que a gente está fazendo. Nenhum. E vamos, se necessário, fazer mais investimentos, porque o meu desejo é que quando terminar essa crise, o Brasil esteja muito mais preparado do que estava quando a crise começou.

É por isso que nós tomamos uma decisão no G-20, na reunião que fizemos em Londres, para que a gente comece a trabalhar, para que os bancos estejam subordinados à produção e não à especulação. Que os bancos contribuam com investimentos para gerar empregos e não apenas vendendo papel e especulando, como fizeram, o que levou a economia mais rica do mundo, os Estados Unidos, a quebrar; o que levou um país como a Alemanha, que é um dos países que mais exportam tecnologia no mundo, a ter uma situação econômica e um desemprego que há muito tempo não tinha.

Então, eu quero agradecer à Thyssen, porque mesmo com essa crise forte na Alemanha eles não tiveram, em nenhum momento, nenhuma vacilação em manter os investimentos deles aqui no Brasil. E tudo aquilo que o governo do estado e o governo federal puderem fazer para ajudar que esse empreendimento continue com força total, podem ficar certos de que nós vamos fazer, porque cada centavo que a gente colocar, é um centavo que a gente vai colocar no bolso do trabalhador brasileiro, porque não tem nada que dê mais dignidade a um homem ou a uma mulher do que o direito de trabalhar.



O discurso deste menino aqui, e aquele crachá que eu entreguei... aquele outro, quando chegou perto de mim, eu pensei que era um piloto da Ferrari. Eu não sei se ele vai trabalhar com esse uniforme bonito o tempo inteiro, porque jovem, bonito, com um uniforme desse jeito aí, que se cuidem as funcionárias da Thyssen, que se cuidem.

Isso, para mim, não poderia ser mais gratificante. Eu posso te dizer, Sergio, que eu nunca tive um 1º de Maio destes – nunca tive – em que a gente pode ver um operário, filho de uma empregada doméstica, se sentir realizado porque teve uma oportunidade. E a gente ver um jovem de 20 anos, por conta de um convênio feito entre a Firjan e a Thyssen, também se formar e ser contratado no emprego.

Eu aprendi, na minha vida, que não tem nada mais sagrado, que não tem nada que dê mais orgulho do que o ser humano ganhar o seu salário com o seu suor e, no final do mês, colocar dentro de casa o dinheiro na mão da companheira, para ela comprar comida para os nossos filhos, o mês inteiro. É isso que vale a vida humana.

Portanto, eu quero agradecer à direção da ThyssenKrupp, mais uma vez, e sobretudo quero agradecer aos parceiros da Thyssen. Quero agradecer ao companheiro Sergio Cabral, que tem sido um entusiasta enorme deste projeto e de outros projetos aqui no Rio de Janeiro. E quero dizer para vocês que saio daqui gratificado e com a imagem mais extraordinária que um presidente da República (falha na gravação) o seu povo vestido com a roupa de trabalho e o seu povo com uma cara feliz de quem conquistou a dignidade.

Parabéns a todos os trabalhadores da Thyssen, parabéns à Direção da Thyssen.

(\$211A)